



## CURADORIA

## CURATORSHIP

**Laura Rodrigues Noehles<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Toda exposição de arte provoca reações entre o público que podem auxiliar ou prejudicar a recepção de um artista. Exposições contribuem além disso para o debate profissional a respeito da obra e de seu criador, levantando questões relevantes e propondo respostas. Uma exposição bem sucedida pode portanto tanto enriquecer a pesquisa quanto influenciar a recepção positiva de um artista entre o público. Uma exposição mal executada pode, por outro lado, provocar o desinteresse do público e da crítica, ainda que as obras expostas não faltem em qualidade. Por isso a curadoria de uma exposição deve ser bem refletida e realizada em plena consciência do seu poder de influenciar positiva ou negativamente a recepção de um ou mais artistas e suas respectivas obras.

**Palavras-chave:** Artes plásticas; Museu; Exposição; Curadoria; Modigliani.

**ABSTRACT:** Every art exhibition influences the public and leads to a better or worse reception of an artist. The exhibitions contribute to the discussion about the artist's work, asking relevant questions and proposing answers. A successful exhibition is able to enrich the research by making important contributions to the discourse about the artist in case it develops a concept that is displayed throughout the whole structure of the exhibition. The concept presents an idea that is accomplished through the meaningful presentation of the art works leading to a satisfactory conclusion. An exhibition that is not well prepared can, on the other hand, avert the public and the critic, even though the art works are of good quality. That's why the art curatorship has to be well pondered and executed in the awareness of its ability to negatively or positively affect the reception of one or more artists.

**Keywords:** Arts; Museum; Exhibition; Curator; Modigliani.

O sucesso de público de um artista depende, é claro, de seu próprio talento. Mas outros fatores podem influenciar a recepção positiva ou negativa do artista, como por exemplo as tendências do gosto predominante em determinado momento histórico ou, nos tempos modernos, a atenção da mídia, com seu inegável poder de divulgação e legitimação. As preferências estéticas de uma época são difíceis de se influenciar e as mudanças de suas características ocorrem de forma lenta e gradual no decorrer do tempo. Elas são portanto pouco maleáveis e exigem no mais das vezes uma mudança de geração para acarretar uma mudança de pensamento. A atenção da mídia é, por outro lado, um fenômeno de resultados imediatos e tanto

<sup>1</sup> Mestrado pela Universidade de Freiburg (Alemanha), atualmente doutoranda pela Universidade de Freiburg. E-mail: rodlaura@web.de



o sucesso súbito quanto a queda repentina podem ser causados pela força de seus humores. Mas esses humores são menos um resultado de reflexão crítica do que de cálculos de mercado. Uma arte que renda audiência é preferida à uma que exija tempo e esforço para a compreensão. Entre a lenta mudança dos tempos e o rápido procedimento dos meios de comunicação há contudo um outro elemento importante que pode influenciar a recepção de um artista entre o público; a exposição. A tradicional forma de contato entre artista e público possui um potencial formador de opiniões que se encontra, em termos de “velocidade”, entre o passeio histórico e a corrida da mídia. Ela é como uma caminhada, que exige tempo de reflexão e preparação, mas cujos resultados podem ser colhidos dentro de uma mesma época. Daí a importância que cada exposição possui na construção da imagem do artista e na participação do discurso a respeito de sua obra. A exposição possui um papel fundamental na apresentação da obra e do seu produtor, contribuindo bem ou mal para a construção paulatina de um corpo de argumentos contra ou a favor de uma obra, um movimento ou um artista. E é exatamente por encarnar uma função tão essencial que a exposição deve ser pensada e repensada antes de sua realização. Seu conceito deve ser bem fundamentado e sua execução, consequente. Uma exposição não é apenas uma mostra de obras de arte, mas sim uma idéia a ser defendida. E se essa idéia é mal apresentada, ela torna-se o mais forte argumento contra si mesma.

O responsável pelo projeto e execução de uma exposição é, como se sabe, o curador. O curador é uma figura difusa, difícil de definir em suas funções e qualidades. Sua formação pode ser artística ou administrativa, ou, no melhor dos casos, ambas. Sua função é tão maior quanto menor for o museu e tanto mais específica, quanto maior a instituição. É portanto difícil e até mesmo injusto realizar uma crítica do “curador”, tornando-o vilão ou herói único do sucesso ou infortúnio de uma exposição. Quando se fala aqui do “curador” ou da “curadoria”, não deve-se pressupor apenas um homem ou uma mulher responsável por todo um projeto, mas sim um grupo de homens e mulheres trabalhando em conjunto. Para discutir-se a função do curador (coletivo) e a importância da exposição pode-se lançar mão de idéias abstratas e gerais ou de um exemplo concreto. O abstrato (“os museus” e “as exposições”) possuem a vantagem de não cair em casos específicos que não serviriam de modelo para todas as curadorias. Um exemplo concreto tem contudo a vantagem de expor com maior clareza as idéias discutidas e impede que se deslize por simplificações por demais generalizadas. Ambas as formas de investigação do problema possuem seus riscos e vantagens. Nesse texto se optará por um exemplo concreto,



lembrando-se para isso que as especificidades de cada exposição devem ser resguardadas e que idéias bem sucedidas em um projeto podem ser inadequadas para outro projeto que siga metas equivalentes lançando mão de outros meios ou vice-versa.

O exemplo que se pretende apresentar é a exposição “Modigliani. Um mito moderno”, que ocorreu entre os dias 17 de abril a 30 de agosto de 2009 em Bonn (Alemanha). A ordem comum dos fatos é que se visite a exposição para apenas depois ler-se o catálogo a seu respeito. Mas para os fins dessa análise foi feito o contrário: antes de lançar vista às obras, o catálogo foi lido em busca de informações sobre os propósitos da curadoria. No catálogo editado por Christoph Vitali, ele se pergunta o que torna Modigliani um artista tão significativo para o século XX. Sua resposta é o fato de Modigliani ter sido um solitário, capaz de criar uma obra independente das grandes tendências da época. Modigliani teria sido admirado por todos os seus contemporâneos (Pablo Picasso, Giorgio de Chirico, Georges Braque, André Derain, Alberto Giacometti, etc) sem contudo filiar-se estilisticamente a nenhum deles. Robert Fleck esclarece por sua vez no primeiro artigo do catálogo a posição de Amadeo Modigliani como um artista de grande popularidade, mas que sofre ao mesmo tempo de fortes ataques por parte da crítica de arte, que o julgam incapaz de tomar uma postura radical, oscilando entre temas clássicos e linguagem moderna. Em seguida Fleck enuncia as metas principais da exposição: investigar o clichê que enquadra a obra de Modigliani na ordem do kitsch e sentimental e a crítica à obra de Modigliani.

Assim tem-se, resumidamente, uma afirmação (Modigliani é um solitário e a força de sua arte reside em não prender-se a quaisquer movimentos) e duas propostas (analisar os clichês e a crítica de arte sobre Modigliani).

Deixa-se o catálogo de lado e parte-se para a exposição. Logo de início um grande painel com fotos do artista em diferentes fases da vida confirmam a posição de Christoph Vitali, que sublinha em seu texto a importância que ele confere à análise da vida do artista paralela à análise de sua obra. O painel não deixa dúvidas. Mas a primeira pergunta surge quando se termina de ler o texto de apresentação na sala de entrada: em que direção deve-se prosseguir? Há duas entradas no centro e uma à direita. Cabe ao visitante a decisão do caminho que quer tomar ou ele irá perder a idéia central da exposição se seguir o rumo errado? Claro que não há nenhuma necessidade de se ditar a ordem em que as obras devem ser apreciadas, mas caso haja uma idéia a ser acompanhada em um determinado sentido, é importante que o público tenha ao menos a



chance de escolher entre uma opção ou outra: seguir a idéia da curadoria ou fazer seu próprio caminho. No momento em que me decidi pela entrada da esquerda a segurança sugeriu-me seguir pela porta da direita. Havia então, sim, uma ordem proposta. Mas que não seria clara se não fosse pela presença da segurança. O caminho pelas outras salas da exposição voltaram a se tornar confusos e não havia seguranças por perto para socorrer visitantes desorientados. Por outro lado, as pinturas e desenhos expostos gozavam de espaço e luz suficientes para uma apreciação demorada e confortável. Os textos de apresentação eram curtos e informativos. Como a maioria das pinturas eram retratos, encontrava-se quase sempre um breve esclarecimento sobre o retratado ao lado da obra. Citações de artistas, historiadores de arte, escritores, etc. eram reproduzidos nas paredes. Todas elas eram positivas e não voltou-se a falar sobre os clichês e críticas que Robert Fleck cita em seu artigo. Não se via obras ou reproduções de outros artistas que pudessem ser comparadas com Modigliani, reforçando assim por um lado o caráter solitário de seu caminho, dificultando, por outro, reconhecer o que há de original em sua pintura. Os retratos de Modigliani possuem uma linguagem forte, direta, e convencem o espectador. Não é difícil compreender porquê as formas frágeis, delgadas e melancólicas dos retratos de Modigliani (principalmente os femininos) são tão populares. Os olhos vazios não são a ausência da alma, mas sim um segredo, uma ameaça, um mistério. É possível esquecer-se do tempo quando o pensamento se perde dentro daqueles olhos sem fundo que mais escondem do que revelam na sua ausência. Mas tudo isso são méritos do próprio Modigliani. Quando se muda de pintura, já não se sabe mais em que direção se deve ir...

Os quadros parecem tornar-se em um momento repetitivos. Para um leigo é difícil acompanhar as sutis mas significativas mudanças que ocorrem no retrato. Um dos visitantes ao meu lado comentou que já se cansara de ver sempre a mesma fórmula repetida para todos os retratados. Quando lhe apontei as fortes mudanças de expressão causadas por meio de pequenas e fundamentais alterações na composição ele mesmo passou a encontrar, admirado, as sutilezas que provocavam mudanças gigantescas no resultado. Mas explicações desse gênero faltavam na exposição. E isso podia levar, como no caso citado, a reforçar a impressão de que Modigliani não soube amadurecer seu estilo. Levando-se em conta que o artista viveu apenas de 1884 a 1920, falecendo antes mesmo de completar 36 anos, é de se admirar que tenha realizado uma obra tão forte. Ao final da exposição, Modigliani nos convence.



É indiscutível que se trata de uma exposição de grande qualidade. Simplesmente o fato de se conseguir reunir tantos e tão bons trabalhos para a mostra já é, em si, uma vitória. A impressão que fica é, no entanto, fraca. Não acredito que algum visitante tenha se arrependido de ter investido uma tarde ensolarada de sábado na apreciação das obras de Modigliani. Mas a pergunta é: eles voltariam a investir outra tarde de sábado em uma nova exposição do mesmo artista? Ou eles consideram, como aquele visitante ao meu lado, que ver uma vez a fórmula repetitiva dos retratos já é suficiente?

A proposta de se discutir a aura de clichê ao redor de Modigliani e a crítica de arte que considera sua obra imatura, é original e produtiva. Mas fora do catálogo ela tornou-se marginal e não nos indicou um argumento por meio das imagens, nem voltou a levantar questões semelhantes pela exposição.

Os desenhos de Modigliani expostos ao lado das pinturas foram, por outro lado, de grande auxílio para se compreender e acompanhar seu desenvolvimento artístico. Acompanhar o caminho percorrido por suas idéias esclarece bastante a proposta de sua obra e provoca além disso a vontade de se conhecer ainda mais a respeito do artista que tira os olhos de seus retratados e faz da ausência a presença dominante em seu trabalho.

Há inúmeras maneiras de se apresentar um artista ou um grupo de artistas e de sugerir novas formas de aproximação ao público e à crítica. A ordem de exposição pode ser cronológica ou temática, as salas podem ser separadas por cores ou números, os textos podem acompanhar as imagens lado a lado, espalhar-se pelas paredes ou restringir-se ao texto de apresentação na entrada. Materiais de auxílio como livros, artigos ou outros objetos podem ser expostos ao lado das obras e pode-se lançar mão de vídeos, áudio, visitas guiadas, etc. O importante, contudo, em meio à todas essas possibilidades é que se tenha desde o início um conceito, uma meta que se queira alcançar. Partindo dessa meta é possível fazer uso das formas de organização disponíveis sem cair em um excesso de elementos vazios de sentido. Essa meta, a idéia central, não se pode perder de vista. Ela é quem dará corpo à exposição. Ela é a estrutura e a alma do projeto. Se a idéia proposta está em harmonia com a execução (o que é mais difícil de se alcançar do que pode parecer), a exposição possuirá um embasamento sólido e será convincente. O público terminará a visita enriquecido de informações e, no melhor dos casos, aberto a novas questões. A crítica e a história da arte terão recebido uma grande contribuição e um impulso a mais para seu discurso. E



a obra do artista terá recebido o merecido espaço para a expansão das idéias que toda obra de arte carrega em si.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

VITALI, Christoph. **Amadeo Modigliani. Ein Mythos der Moderne.** Köln: DuMont, 2009.